

Os Corvos





Nas remotas solidões do Mar, cujas grinaldas de espuma se desfazem na areia quente das praias, num murmúrio cantante, houve, num dia luminoso e diáfano, um grande drama sangrento...



Qual lindo berço velado por finas e vaporosas rendas, assim, sobre as águas esmeraldinas se baloiçava uma elegantíssima galera grega.

Brincava-lhe o vento nas velas cândidas e parecia que Hêa, — a alma subtil do Ar, — a embalava suavemente.



Mas num instante tudo mudou.

Um grande galeão, negro como uma nuvem de tempestade, surgiu no horizonte...

Tripulavam-no fortes piratas da Assíria.



Gregos e Assírios combateram desesperadamente, aqueles na ânsia de uma defesa heróica, estes sob o diabólico impulso de um feroz instinto de rapina...

E o aço rutilante dos machados e punhais, rebrilhou ao sol, em faíscas irisadas...



Venceram os brutais piratas da Assíria... Um grande coro de lamentos dominou o marulhar das ondas, enquanto aqueles homens grosseiros iam arrancando as túnicas e os peplos às Gregas gentilíssimas, amarrando-as — esplêndidas na sua formosa nudez — e atirando-as, brutalmente, para as profundezas do sinistro galeão negro...



Entretanto, auxiliados pela alma suave do Ar, os piratas aproaram o galeão a terra e, dentro em pouco, saltavam na areia ardente, em cujo saibro humedecido, o sol se espelhava em rutilâncias de oiro brilhantíssimo, levando os seus preciosos fardos...



Completamente insensível, semimorta, atravessou, sempre sustida pelo musculoso Assírio, os imensos corredores cobertos com tijolos policromos, as grandes salas...



À noite, a lua pálida, ao estender o seu luminoso manto de prata aos pés do sagrado Virvoch, junto das longas muralhas do grande palácio de Ninrode não iluminou apenas cadáveres já corrompidos; viu também que uma enorme nuvem de corvos pairava sobre o corpo formosíssimo da linda virgem de cabelos de ouro...